



GESTORES ESCOLARES: A EDUCAÇÃO SEXUAL EM DISCURSO

Ana Maura Martins Castelli Bulzoni,

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Universidade Estadual

Paulista “Júlio de Mesquita filho” UNESP

Andreza Marques de Castro Leão

Professora do Departamento de Psicologia da Educação e do Programa de Pós-Graduação em

Educação Sexual, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita filho” UNESP

RESUMO

Há uma demanda crescente em se abordar assuntos relativos à sexualidade na escola, tais como, preconceitos, gravidez na adolescência, homofobia, sexismo, entre outros. A gestão escolar, por sua vez, evita tais iniciativas de problematizá-los em virtude da reação familiar. Tem-se com isso um ciclo vicioso em que a gestão culpabiliza as famílias, as quais reagem com discussões, e os alunos, não têm acesso à educação sexual. Considerando essa realidade foi oportunizado aos gestores de um município do Estado de São Paulo uma formação continuada em educação sexual, de maneira que tivessem conhecimentos acerca da temática e estratégias para romper com o ciclo do silêncio em suas respectivas escolas. Deste modo, o intento da referida formação foi, também, instigar a reflexão dos participantes sobre sexo e sexualidade, haja vista a dificuldade evidente que se tem no despojamento das influências morais que acompanham estes termos, pois na prática pedagógica elas ganham relevância e denunciam a forma como são conduzidas as discussões e que tem relação direta com a conceituação. Em suma, tem-se a necessidade de tributar no cotidiano dos docentes para que eles sejam respaldados com conhecimentos e estratégias para que possam desenvolver propostas interdisciplinares de cunho sexual.

PALAVRAS-CHAVE: Gestores escolares; Formação continuada; Educação sexual.

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais trabalhar em instituição escolar é não limitar-se apenas a ensinar e aprender. Cabe hoje ao Gestor Escolar junto de sua equipe, direcionar vários olhares no âmbito escolar, conhecendo as demandas dos alunos e da comunidade de modo geral.

A escola é uma instituição social que se depara com famílias provenientes de várias culturas, de distintas classes socioeconômicas, procedentes de diferentes regiões, entre outros.

No âmbito escolar, principalmente no Ensino fundamental da Educação Básica, existe uma demanda crescente em se abordar assuntos relativos à

sexualidade, tais como, preconceito, gravidez precoce, homofobia, sexismo, violência sexual, entre outros.

As condutas de cunho sexual, as curiosidades das crianças e jovens afetam o trabalho dos gestores e demais profissionais que atuam na escola, no aspecto de requererem o devido preparo destes para saber em lidar com estas situações.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997) sexo é considerado uma expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais, genitais e extragenitais. Já a sexualidade é considerada como a base da reprodução humana, sendo este termo definido como algo que se refere ao lado afetivo, psicológico e sexual de uma pessoa, independente que esta seja do sexo feminino ou masculino. Compreender a diferença entre sexo e sexualidade se faz importante, pois enquanto o termo sexo se encerra nas bases biológicas, a sexualidade possui uma maior circunscrição, construindo papéis sexuais do membro da sociedade, dentro de um determinado grupo social. Foucault nos esclarece com a seguinte elucidação:

A sexualidade é um “dispositivo histórico”, visto que, é uma invenção social, uma vez que, se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre sexo: discursos que regulam, normatizam que instauram saberes, que produzem “verdades”. Sua definição e dispositivo sugerem a direção abrangência de nosso olhar. (FOUCAULT, 1982, p. 15)

Apreende-se que a sexualidade está relacionada diretamente com a história por meio do modo como são transmitidos os valores, e como estes são vivenciados pelos sujeitos, em diferentes culturas. Refere-se também às distintas maneiras e costumes que instauram no indivíduo a forma de vivenciá-la.

Em síntese, a sexualidade tem componentes biológicos, psicológicos, sociais e culturais e se expressa em cada ser humano de modo peculiar, em sua subjetividade e, de maneira coletiva, em padrões sociais que são aprendidos e apreendidos durante a socialização (MAIA & RIBEIRO, 2011).

Nesta perspectiva, sabemos da existência diária de uma pendência de situações a serem solucionadas quanto às questões de cunho sexual. Contudo, no contexto escolar há questionamentos referentes ao agente que desenvolve este

papel. Seria esta função da família ou da instituição de ensino?

Desprovido da falta de conhecimento, ou até mesmo ignomínia, as famílias não se empenham a contento para abordar o referido tema com seus filhos. Este papel é delegado para a escola, a qual teoricamente deve incumbir-se desse encargo. No entanto, a escola pouco aborda acerca deste tema haja vista que faltam propostas interventivas em sexualidade, assim como, uma parceria efetiva da família atrelada à escola.

A educação sexual consiste em um programa formal, sistemático e contínuo para tratar da sexualidade no âmbito educacional (LEÃO, 2009), visando contribuir para a formação de indivíduos saudáveis, éticos, respeitosos e cientes de seus deveres e direitos. A escola é um espaço privilegiado para esta educação, já que é um local de intervenção pedagógica (LEÃO, RIBEIRO, BEDIN, 2008).

Segundo o Ministério da Educação as escolas devem trabalhar em seus currículos os temas transversais alitrados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), entre estes a orientação sexual. Vale frisar que embora os PCN usem o termo orientação sexual no presente estudo emprega-se à educação sexual por conglomerar a realidade social cotidiana.

Neste cenário, salienta-se a necessidade de um trabalho sistemático de educação sexual nas escolas. Vale explicar que há dois tipos desta educação, quais sejam:

A educação sexual informal, processo global, não intencional, que engloba toda ação exercida sobre o indivíduo, no seu cotidiano, desde o nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre sua vida sexual; a “educação sexual formal, deliberada, institucionalizada, feita dentro ou fora da escola”. (WEREBE, 1981, p. 106).

Figueiró, nesta mesma linha de pensamento, pontua que:

O termo educação sexual é mais adequado, na medida em que abre espaço para que a pessoa que aprende seja considerada como sujeito ativo do processo de aprendizagem e não mero receptor de conhecimentos e/ou de orientações, como sugerem as outras terminologias: orientação, informação, instrução... Estas últimas denotam destaque na ação do professor. (FIGUEIRÓ, 1996, p. 6)

Em outro interessante trabalho a pesquisadora declara ainda que:

[...] a educação sexual tem a ver com o direito de toda pessoa de

receber informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual e, também, com o direito de ter várias oportunidades para expressar sentimentos, rever tabus, aprender, refletir e debater para formar sua própria opinião, seus próprios valores sobre tudo que é ligado ao sexo. No entanto, ensinar sobre a sexualidade no espaço escolar não se limita a colocar em prática, estratégias de ensino. Envolve ensinar, através da atitude do educador, que a sexualidade faz parte de cada um de nós e podem ser vivida com alegria, liberdade e responsabilidade. Educar sexualmente é, também, possibilitar ao indivíduo, o direito a vivenciar o prazer. (FIGUEIRÓ, 2009, p.163)

É notável a amplitude e complexidade em abordar a temática da educação sexual no âmbito escolar. Desta forma, os docentes necessitam demonstrar objetividade, e direcionamento efetivo, proporcionando, assim, ações sensatas que possibilitem uma maior percepção dos discentes na sua individualidade no contexto social.

Para Foucault (1993), o educador deve perceber que a simples inclusão de discussões sobre questões de gênero, diversidade sexual e identidade no ambiente escolar possibilita ao aprendente uma sensibilização acerca da necessidade do respeito ao próximo e, sobretudo, no que diz respeito à sexualidade, algo que é inerente ao ser humano.

A partir da minha trajetória profissional enquanto gestora no Município do interior do estado de São Paulo, no período de 2004 a 2014, e, posteriormente, enquanto gerente de formação continuada na Secretaria Municipal da Educação foi apresentada no planejamento de formações continuadas, e partimos do discurso, das necessidades dos gestores escolares e dos professores a respeito da ausência de formação tanto inicial quanto continuada dos mesmos, nesta temática.

É imprescindível que para obtermos uma educação de qualidade faz-se necessária uma constante atualização dos profissionais da Educação, principalmente os gestores escolares que são o “chão da escola”, visto que os mesmos vivenciam, diariamente, as dificuldades e conhecem as necessidades da comunidade. Para tanto, os mesmos necessitam permanentemente estar em formação, refletir acerca de suas práticas e solucionar suas demandas.

Neste município do interior de São Paulo, no qual atuei, tivemos a oportunidade, conforme mencionei anteriormente, de realizarmos uma formação no

tema: “Educação Inicial para Gestores e Professores na temática Educação Sexual”, em uma parceria com a Secretaria da Educação e Universidade UNESP. Leão (2012) discute que é preciso a inserção nas Instituições de Ensino Superior das temáticas da sexualidade haja vista a necessidade de instrumentalizar os/as discentes visto que, inevitavelmente, se depararão com circunstâncias que terão de abordar este tema, sendo indispensável estarem aptos a saberem como o fazer de modo a não terem uma postura repressora, preconceituosa e conservadora.

Nesta perspectiva, nos preocupamos em atender a solicitação dos gestores no que se refere à formação com essa temática. Os discursos sempre foram direcionados em um investimento nos profissionais da educação em relação à formação, para que os mesmos adquirissem conhecimentos acerca da Educação Sexual. Que, dentro desses tivessem oportunidades, principalmente entre seus pares, para refletirem esta temática e que pudessem administrar de forma educacional as condutas dos discentes no âmbito escolar.

Ao iniciar a formação, percebemos a ausência dos gestores, assim como da equipe. Alguns justificaram dizendo que devido o afã de atividades e função não tinham tempo hábil para a formação. Neste sentido, compreende-se que o discurso dos gestores difere da prática no cotidiano, pois, embora percebam a necessidade da formação, não há interesse dos professores para a formação oferecida em turnos oposto ao trabalho que exercem.

Para Foucault (2003) o ambiente escolar é, sobretudo, um lugar de controle social em que os sujeitos são disciplinados por um efeito de poder que circula nesse ambiente.

Sobre a noção de poder Foucault sugere que:

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, são sempre centros de sua transmissão (FOUCAULT, 2003, p. 183).

De tal modo, podemos dizer que o poder dentro de uma escola não está somente nas mãos do gestor escolar, mas ele se dilui hierarquicamente nas diversas relações sociais que se estabelecem nesse ambiente (gestor-sistema, gestor-

professor, gestor-funcionários, gestor-família, gestor-alunos, gestor-família-professor-funcionário-alunos). Além do comportamento dos gestores também se analisou o documento do Plano Municipal de Educação do município de Araraquara, interior de São Paulo para o decênio 2015/2025 aprovado na página setenta e cinco, item 7.15:

Garantir políticas intersetoriais de combate à violência na escola, inclusive pelo desenvolvimento de ações destinadas à formação permanente de educadores para detecção dos sinais de suas causas, como a violência doméstica e sexual, favorecendo a adoção das providências adequadas para promover a construção da cultura de paz e um ambiente escolar dotado de segurança para a comunidade. Para garantir que essa estratégia seja atingida é necessário estabelecer parcerias com profissionais tais como: assistente social, psicólogos e educadores sexuais. (BRASIL. Lei nº 8.479, de 17 de junho de 2015)

Assim, entende-se que não há uma preocupação do município em desenvolver políticas públicas na temática de maneira a se desenvolver um trabalho veemente nas escolas. Hipotetiza-se que os professores e gestores estão terceirizando suas funções consentindo que trouxessem outros profissionais para desempenhar esse papel educacional.

É importante salientar que cada escola e comunidade têm suas peculiaridades, as quais geralmente são conhecidas pelos profissionais que atuam diretamente com os discentes, sendo importante que os mesmos conhecedores de suas dificuldades, possam encontrar a solução, para sanar todas as demandas existentes na escola.

Para Esteves (1993), a formação continuada exige profissionais "conhecedores da realidade da escola, capazes de trabalhar em equipe e de proporcionar meios para a troca de experiências, dotados de atitudes próprias de profissionais cujo trabalho implica a relação com o outro...".

Quanto ao discurso dos gestores¹, referente o referido curso citado, estes foram solicitados a explicitar os que compreendem por sexo, sexualidade e educação sexual.

O intento de instigar a reflexão dos participantes acerca destes conceitos, e, também, pensar sobre sexo e sexualidade, repousa sobre a dificuldade evidente que

¹ Estes discursos encontram-se dispostos no relatório Fapesp de autoria de LEÃO, A.M.C. 2016. No prelo.

se tem no despojamento das influências morais e valorativas que acompanham estes termos (LEÃO, RIBEIRO, BEDIN, 2010). Outrossim, a importância de saber esta concepção é que na prática pedagógica elas ganham relevância e denunciam que a forma como são conduzidas as discussões acerca desses temas têm relação direta com a conceituação que se tem das mesmas (LEÃO, 2012).

De acordo com discursos dos participantes:

“O termo sexo é empregado para designar a parte biológica do indivíduo, remete-se à ideia de se ter uma identidade sexual, estabelecendo-se o gênero masculino ou feminino no indivíduo. A sexualidade tem uma abrangência maior, sendo representada de diferentes formas dependendo da cultura e do momento histórico. Envolve questões de ordem biológica, psicológica e social e cada um as expressa de maneira diferente. Relações de gênero estão relacionado com a construção de padrões para o que chamamos de masculino e feminino. É uma questão complexa, pois também envolve comportamentos e atitudes que podem (ou não) ser à base do preconceito para as desigualdades do gênero. Educação Sexual ocorre na esfera sócio cultural do indivíduo desde o seu nascimento, no seio da família e no grupo social em que vive, transmitida por meio de atitudes, valores, comportamentos e manifestações ligados à sexualidade. Na escola, a Educação Sexual deve ocorrer com planejamento e intuito não só de orientar, informar, mas também de discutir, refletir e questionar os valores e concepções de forma a propiciar ao aluno a capacidade de valorizar do próprio corpo e a combater aos diferentes tipos de violência sexual”- C4

“Sexo, sexualidade, relações de gênero e educação sexual trazem cada qual seu próprio conceito e definição, em suma todos convergem para um mesmo ponto: o ser humano. Penso que em nossa sociedade atual, sexo poderia ser definido como o ato sexual que ocorre no encontro físico entre duas (ou mais) pessoas. Mas pode também definir o sexo (aspecto fisiológico) que difere se é homem ou mulher logo ao nascer. Sexualidade é a grosso, a maneira pelo qual o indivíduo compreende a si mesmo na busca de conhecimento e prazer do próprio corpo. Situa-se mais no campo psíquico e emocional e independe se a pessoa seja homem ou mulher. Relações de gênero referem-se a definição dos papéis que homem e mulher ocupa na sociedade na qual se insere e trás diferenças que podem vir carregadas de preconceitos e juízo de valores presentes nessa mesma sociedade e, em geral, a mulher é a mais prejudicada visto que nossa sociedade ocidental contemporânea ainda é bastante machista (sobretudo nos países latino-americanos, entre os quais encontra-se nosso país). Dentro desse contexto, entende-se que a educação sexual deva ser um veículo de apropriação escolar que precisa ultrapassar os limites de um espaço de mera informação para torna-se o local propício ao debate, à reflexão e à busca do conhecimento sobre a temática a fim de contribuir com a formação de indivíduos mais saudáveis, éticos e

que respeitem e entendam as diferenças existentes na sociedade seja em se tratamento de sexualidade e ou relações de gênero, amor e sexo!” - C1[1].

“Sexo é biológico/fisiológico é relativo a diferença natural, hereditária e física em seus aspectos anatômicos, fisiológicos e biológicos que há entre homem e a mulher. Sexualidade é mais abrangente , abarca distintos aspectos biológicos, fisiológicos, psicológicos, sociais entre outros. A sexualidade é uma dimensão exclusiva do ser humano , ela extrapola o componente biológico, portanto apresenta uma dimensão histórica. Relações de gênero é o conjunto de valores, atitudes, papéis, práticas ou características culturais baseadas no sexo biológico. Gênero expressa a sua construção enquanto sujeito masculino e ou feminino transmitido pela educação. Educação sexual é o conhecimento, conscientização e orientação que temos na sociedade, família etc. É abrir possibilidades, dar informações sobre aspectos fisiológicos da sexualidade”- C12

Conforme as cursistas sexo se relacionam ao aspecto biológico e fisiológico do ser humano, o que distingue anatomicamente homem e mulher. É também uma palavra usada para fazer menção ao ato sexual. Compreende-se na própria fala delas a dificuldade maior na sua definição se comparado à palavra sexo, achado idêntico ao encontrado no estudo de Leão (2012), no qual todos os participantes tiveram dificuldades em expor sua compreensão sobre sexualidade.

De acordo com Foucault (2003), a sexualidade é um comutador que nenhum sistema moderno de poder pode dispensar. O autor faz do sexo um objeto histórico gerado pelo dispositivo da sexualidade.

Ademais buscou-se nesta formação a problematização dos gestores a instigar a reflexão sobre estes conceitos de maneira que compreendessem a distinção desses termos, assim como, a relevância da implementação de propostas de educação sexual.

Os gestores e professores precisam refletir sobre a relevância da formação continuada como uma estratégia de muni-los de conhecimentos, valores sobre a sexualidade, ao invés de recuar e terceirizar esse papel de educadores e profissionais alheios aos interesses da escola, desta forma caminhar para a prática condizente às suas necessidades.

Como Maia e Ribeiro (2011) explicam, a educação sexual pode ocorrer em diferentes locais, porém é mais coerente ocorrer na escola porque é composta

majoritariamente por crianças e adolescentes, público este repleto de dúvidas relacionado à sexualidade, e também porque é sua função transmitir o saber historicamente acumulado pela humanidade tendo a responsabilidade de tratar deste assunto visando a formação dos futuros cidadãos. Portanto, o trabalho de educação sexual no contexto escolar representa um expressivo passo para a efetivação de ações concretas no combate da discriminação, desinformação e da disparidade de gênero (LEÃO, 2012).

Enfim, a formação continuada faz-se necessária para tributar no cotidiano dos docentes, principalmente temas que eles não obtêm domínio, tampouco tem familiaridade, sendo a sexualidade apontada pela literatura científico como um tema ainda tabu, o qual é raro de ser abarcado na formação dos profissionais da educação, seja formação inicial ou continuada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável a amplitude e complexidade em abordar a temática Educação Sexual no âmbito escolar. Diante do exposto acima, entende-se que a educação sexual carece de ser trabalhada de forma interdisciplinar. Neste cenário, é preciso que o gestor escolar, conhecendo a demanda e a necessidade em desenvolver ações neste âmbito na escola, elabore o Projeto Político Pedagógico em conjunto com a equipe escolar e dê o devido espaço a este tema.

Com a realização desta formação, supostamente entende-se que há uma necessidade em organizar nas escolas momentos de reflexão a respeito do tema de uma forma contínua, sendo assim, os gestores e os professores adquirindo maiores conhecimentos, conseqüentemente sentirão mais seguros, e poderão colocar em prática com mais propriedades.

Como visto anteriormente em minha trajetória profissional, o município de maneira geral, não apresentaram políticas públicas direcionadas a temas de cunho sexual. Porém, através dos conhecimentos adquiridos nesta formação em educação sexual, juntamente com todos os participantes nos anos de 2013 e 2014, despertou-me a aspiração de aprofundar-me nesta temática aliando a prática com a teoria.

Atualmente com a pesquisa de mestrado em andamento, hipotetiza que o

gestor escolar e professores estão utilizando os conhecimentos adquiridos nesta formação e colocando em prática no cotidiano escolar com ações planejadas no projeto político pedagógico, de modo a facilitar o diálogo entre os mesmos criando confiança, respeito nas relações, assim como, poder tratar de qualquer assunto pertinente à educação sexual, sem ignomínia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREIRE, Madalena. A Formação Permanente. In: Freire, Paulo: Trabalho, Comentário, Reflexão. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

_____. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 2003.

LEÃO, A. M. C. (2012). *A percepção do(a)s professore(a)s e coordenadores(a)s dos cursos de Pedagogia da Unesp quanto à inserção da sexualidade e da educação sexual no currículo: analisando os entraves e as possibilidades para sua abrangência*. Relatório de Pós-Doutorado em Sexologia e Educação Sexual, Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Araraquara.

LEÃO, A. M. C.; RIBEIRO, P. R. M.; BEDIN, C. R. SEXUALIDADE E ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA EM FOCO: algumas reflexões sobre a formação de professores. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 36 – 52, jan. / jun. 2010.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R.M. *Educação Sexual: Princípios para ação*. DOXA–Revista Paulista de Osicologia e Educação–Araraquara, v.15, n.1, p.75-84. (2011).

MELLO, Guiomar Namó de. Cidadania e competitividade - desafios educacionais do terceiro milênio. São Paulo: Cortez, 1994.

NÓVOA, António. (org.). Os professores e a sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. Profissão Professor. Portugal: Porto Editora, 1991.

RODRIGUES, Angela & ESTEVES, Manuela. A análise das necessidades na formação de professores. Porto Editora, 1993.



Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, Orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental-Brasília: MEC/SEF, 1997.

[1] Estes discursos encontram-se dispostos no relatório fapesp de autoria de LEÃO, A.M.C. 2016. No prelo.

SCHOOL MANAGERS: SEXUAL EDUCATION IN SPEECH

ABSTRACT

There is a growing demand at school, such as one, biases, teenage pregnancy, homophobia, sexism, among others. School management, on the other hand, avoids such initiatives of problematizing them by virtue of family reaction. One has a vicious cycle in which management blames families, as they react with discussions, and students, have no access to sex education. Continuing education in sexuality, in this way, the attempt of basic training also instigates reflection of participants on sex and sexuality, given the obvious difficulty that does not have depriving the moral influences that accompany these terms, to pedagogical practice they gain relevance and denounce the way they are conducted the discussions and that has direct relation with a conceptualization. In short, there is a need for tax teacher's daily routine so that they are backed with the knowledge and the strategies for the development of interdisciplinary proposals of a sexual nature.

KEYWORDS: School managers; Continuing education; Sex education.